

# S E R M A M DO GLORIOSO SANTO ANTONIO

P R E G A D O

Em o seu Convento da Cidade do Rio de Janeiro,  
em o mesmo dia a 13. de Junho, occorrendo a  
Dominga da Trindade. Era de 1683.

Pelo PADRE FR. AUGUSTINHO DA CONCEIÇÃO,  
Lente de Sagrada Theologia, filho menor da Recoleta da  
Regular Observancia de S. Francisco, Custodio actual,  
& de presente Provincial da Provincia da Immacu-  
lada Conceição, em o mesmo Estado do Brasil.

D E D I C A D O

A O ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. JOSEPH DE BARROS  
DE ALARCAM,

Dignissimo Bispo da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em o Estado do Brasil, do Concelho de Sua Magestade, & Deputado do Santo Officio.

*Precederão doze dias de Ladainhas, & Practicas do mesmo Santo, com assistencia em todos  
elles do mesmo Senhor Bispo, dando Ordens no mesmo Convento em o duodecimo dia, &  
nel'le offerirou de esmola a cera com que se celebrass o dia do Santo,  
com o Santissimo Sacramento exposto.*



L I S B O A.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL,  
Impressor do Santo Officio. M. DC. LXXXVIII.

Com todas as licenças necessarias.





# DEDICATORIA.



Ventura com que Santo Antonio foi servido trazer a V.S. a esta terra no primeiro dia das suas Ladainhas, dando a todo este povo o alivio nas esperanças de tão singular prenda, & a toda esta Diocese a ditta em o logro de tão suspirada dignidade: deu também a este seu Convento, o mais q lhe podia dar, q não foi menos, que a singular, & notoria devoção com q V.S. o ama, o favorece, & com sua dignissima assistencia o authoriza; & particularmente em a solénidade de todos estes treze dias: occasião de que V.S. ouvisse este Sermaõ, q no dia do mesmo São, & ultimo da solénidade prêguei, em o



qual mostrei em S. Antonio como Sol do mundo, poder, sabedoria, & amor.

E como em V.S. por legitimo successor dos Apostolos na dignidade, & prêdas individuaes da pessoa se achê todos estes tres attributos do Sol: o poder, na  
*Matth. 16* jurisdicção com que governa: *Quodcunque ligaveris.* A sabedoria, no acerto com que  
*Sap. 12. 9.* dispõem: *Iustè omnia disponis.* E o amor na cortesia, & benevolência com q̃ a todos  
*Cart. 2. p. 3.* se dà a amar: *Recti diligunt te.* Pareceo-me divida dedicallo a V.S. para que com o seu respeito, & debaixo de sua protecção possa fair a luz em gloria de Deos, em louvor de S. Antonio, em obsequio de V.S. & em desempenho de minha obrigação, q̃ como tão devida às prêdas de V.S. & singular devoção com q̃ ama esta pobre Provincia, não faltará nũca em os Religiosos della o conhecimêto, nem em mim, como parte mais prenda, a correspondencia, em venerar a V.S. como seu subdito, & Cappellaõ.

*Frey Augustinho da Conceição,*





## *Vox estis lux mundi. Matth. cap. 5.*



OM o titulo, & prerogativa de Sol, honrou Christo neste mundo aos seus Discipulos (a meu ver) por duas particulares razões. A primeira, porque com este mesmo titulo, & prerogativa, havia nascido neste mundo para nosso remedio esse mesmo Senhor: *Orietur vobis Sol iustitiæ*. A segunda, porque tambem a titulo de Sol haõ de resplandecer os Santos, & Justos em o estado beatifico: *Fulgebunt Iusti sicut Sol in conspectu Dei*. E como a este titulo, & prerogativa, fosse vinculada a obrigação da luz, que esses Discipulos, como Sol, haviaõ de comunicar ao mundo: *Luceat lux vestra coram hominibus*, daqui tomou motivo a Igreja Catholica, nossa mãy, para cõ este titulo, & prerogativa, honrar tãbem em suas celebridades aos Santos Doutores, que com a luz de sua sabedoria a souberaõ illustrar; & por esta mesma razão, devidamente o faz hoje com particularidade a mesma Igreja ao luzeiro mais crystalino da graça, á luz mais resplandecente do mundo, ao glorioso Santo Antonio, de cuja prégacao, virtudes, & doutrina recebeo essa mesma Igreja taõ grande luz, & resplendor, que como obrigada, lhe canta em sua solemnidade o presente Evangelho, em que o acclama, & publica hum Sol verdadeiro do mundo: *Vox estis lux mundi*.

Malach. 2.  
n. 11.

Matth. 12.  
n. 43.

Matth. 4.  
n. 16.

Pela luz deste Sol, com que a Igreja celebra os Sagrados Doutores, & particularmente o faz hoje ao nosso Santo, he em proprio sentido entendida a sabedoria, que por esta ser particularmente attribuida à Segunda pessoa Divina, lhe



Ad Heb. i.  
n. 3.  
Ioan. i.

chamou o Apostolo, resplendor da gloria : *Qui cum sit splendor gloriæ*. O Evangelista S. João luz verdadeira : *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem*. E a mesma Igreja abraça este sentido, em celebrar com este Evangelho sómente aos Sagrados Doutores, como a quem particularmente se deve o titulo, & prerogativa de Sol. Em cujo sentido, & propria intelligencia se achão hoje mysteriosamente em o glorioso Santo Antonio as mesmas excellencias em numero, & entidade, que em o Sol. Consta pois o Sol em toda a sua entidade, & extensão de tres cousas, das quaes (côfiderada cada hũa dellas por sua natural ordem, & disposição) vem a ser a primeira, a substancia; a segunda, a luz; & a terceira, o calor. Desta substancia do Sol procede a luz, & desta mesma substancia como luz, procede o calor. Na substancia, como productiva, & primeira, he entendido o poder: na luz (como está ditto) a sabedoria: & no calor, he vulgarmente o amor symbolizado. Conforme isto, sendo o nosso Santo verdadeiramente Sol, por Throno de Deos: *Et Thronus ejus sicut Sol*. E Sol verdadeiramente por titulo, & prerogativa, com que a Igreja hoje devidamente o celebra: *Vos estis lux mundi*: em formal discurso descobriremos hoje nas maravilhas de suas obras; Poder, Sabedoria, & Amor. Poder, symbolizado na substancia de Sol: Sabedoria, entendida na luz: & Amor, no calor propriamente representado. Entremos ao discurso.

Psal. 83.  
v. 38.

Como verdadeiro Sol da Igreja, discorre o nosso Santo o mundo todo, sendo tão admiravel o poder, que ostentou em as maravilhas que obrava, que confuso o pagaõ; redusido o Herege, & admirado o Christão, se a Fé não conhecera ao verdadeiro Deos, que confessa, era efficaz o poder, que o Santo ostentava em tantos prodigios, & maravilhas, para o constituir na estimação dos homens, hum Deos de todo o mundo.

Ecclesia in  
Officio S.  
Crucis.

*Ad sunt prodigia divina in virga Moysi*, diz a Igreja Catholica, admirando as maravilhas de Moyses em o Egypto, como



como a divinas ; & creyo eu, que por taes as devia admirar  
 tambem todo aquelle povo, que as experimentou, assim He-  
 breo, como Egyptio. Porque como a conversão das agoas Exod. 8.  
 em sangue, a invasão infinita das moscas, & rãs, a furia irre-  
 paravel dos ventos, a confusão tenebrosa das escuridades,  
 foraõ tudo prodigios obrados fóra de todo o curso ordinario  
 da natureza ; admirados, claro està, que haviaõ de ser por  
 sobrenaturaes, & divinos. O que a Igreja, supposto isto, nes-  
 ses prodigios admira, he serem obrados, como foraõ, pela  
 vara de Moyles : *Adsunt prodigia divina in virga Moyfi.* O  
 que eu porèm nelles admiro, não he isto, não ; he sim, que  
 o poder, & virtude, que essa vara ostentava, nesses prodigios  
 lhe proviesse da mão de Moyfes, em que estava : *Virgam* Exod. 4.  
n. 21.  
*quoque sume in manu.* E que fosse a mão de Moyfes poderosa  
 para obrar em todo aquelle Reyno todos estes prodigios,  
 & admirações ! *Omnia quæ posui in manu tua facies coram*  
*Pharaone.* Funda-se a minha admiração, em que todos es-  
 tes prodigios, como sobrenaturaes, & divinos, tinhaõ sómẽ-  
 te sugeição obediencial ao poder de Deos, & não ao de crea-  
 tura algũa. E conforme isto ; reparo assim. Se estes pro-  
 digios, como sobrenaturaes, & divinos, eraõ sómẽte da Om-  
 nipotencia Divina objecto ; porque raaõ haviaõ de ser, co-  
 mo foraõ, obrados pela mão, & imperio de hum homem co-  
 mo Moyfes ? Porque raaõ se havia de ostentar Moyfes hũ  
 Deos na operação de tantos prodigios, & maravilhas ? Por-  
 que ? porque o mesmo Senhor dos altos Ceos, que o havia  
 enviado áquella empresa, o havia feito Deos de todo aquel-  
 le Reyno do Egypto : *Constitui te Deum Pharaonis.* E quẽ Exod. 7.  
n. 1.  
 estava intitulado, & conhecido por Deos de todo aquelle  
 Reyno, convinha muito, que nelle obrasse taes maravilhas,  
 & prodigios, que na estimação dos homens fosse tambem  
 tido, & reputado por hum Deos.

Saibamos porèm o motivo, que Deos teve, para fazer a  
 hum homem como Moyfes, Deos de todo aquelle Reyno ;  
 que o elegesse para aquella empresa, porque o conheceo effi-



caz para o ministerio: *Novi te ex nomine*, estava bem; porém não bastava, que para esse ministerio entrasse Moyses naquella Reyno com o titulo de Embayxador seu? *Deus patrum vestrorum misit me ad vos?* Não bastava, que entrasse com o titulo de Ministro, de Governador, & ainda de Redemptor de todo aquelle povo cattivo? Necessariamente havia de entrar, como entrou, com a opiniaõ, & titulo de Deos? Sim. E assim parece que convinha, tanto a Moyses, como ao Senhor, que com a reputaçã de Deos o havia enviado. Porque difficulando Moyses a empresa desta missã, & manifestando-se ao mesmo Senhor, que o enviava impossibilitado, & sem merecimento para o cargo: *Quis sum ego ut vadam ad Pharaonem?* Lhe respondeo o mesmo Senhor. Vai Moyses, & não recees nada, porq̃ eu me obrigo a acompanharte, & a estar contigo em tua companhia: *Vade, & ego ero tecum*. E como Deos se havia obrigado a estar com Moyses em sua companhia naquella missã, esta primeira obrigaçã, foi a que o constrangeo à segunda, de lhe dar em todo aquelle Reyno o titulo, & estimaçã de Deos. E assim parece que convinha, porque hũ homem, que havia de chegar a ter consigo em sua companhia ao mesmo Deos verdadeiro, importava que obrasse tacs maravilhas, & prodigios, que esses mesmos lhe confirmassem na estimaçã dos homens o titulo, & estimaçã de Deos: *Constitui te Deum Pharaonis*: Se a assistẽcia, pois, de Deos com Moyses, foi a q̃ motivou ao mesmo Senhor a darlhe o titulo, & prerogativa de Deos, para que como tal fosse, como foi, venerado, & conhecido de todo aquelle povo; quanto mayor rafaõ ha, para que este mesmo titulo, & prerogativa se venere, & conheça em Antonio Santo glorioso, pois chegou a ter consigo em amorosa uniaõ, & companhia ao mesmo Deos, não invisivel, & em virtude, & potencia sómente, como Moyses, mas em propria Pessoa em suas dignissimas mãos visivelmente collocado. E quem chegou a ter tanto da sua mã ao mesmo Deos, que muito era, que não em hum só Reyno, como

Moyses,



Moyſes, mas em o mundo todo, em Reynos eſtranhos, em nações diverſas obraſſe tantos, & tão admiraveis prodigios, que o Gentio, o Herege, o Chriſtão, o irracional, o inſenſivel, a terra, o mar, & ainda o meſmo Ceo: *Celi, terræ, marium benedicant Dominum cuncta creaturæ*, o conheceſſe, & veneraſſem como a verdadeiro Sol, por hum Vice-Deos de todo o mundo.

D. Bonav.

Ao Sol tributáraõ aquelles primeiros Gitanos Idolatras adorações, & culto de verdadeiro Deos, porque vendo-o em hum curſo continuo, pròvido em remediar ao univerſo, poderoſo em animar, & dar vida aos viventes, & naõ menos cuidadoso em afermoſear o mundo todo com reſplandores: aonde experimentavaõ taes attributos, ahi julgavaõ haver certamente omnipotencia, & divindade. Erráraõ porém como Idolatras na figura, conſagrandolhe aquelle meſmo culto, que ſómente ſe devia ao figurado. Se eſtes Idolatras, veneráraõ ao Sol, naõ como a verdadeiro Deos, como o adoravaõ, mas como a figura ſua, iſſo meſmo admite, & obſerva a Theologia Chriſtãa, venerando a eſte ſoberano Planeta, como a ſimbolo, & geroglyfico do meſmo Deos: *Sol à Theologicis noſtræ pietatis interpretibus, Dei hieroglyphicæ perhibetur*. E conforme a iſſo, ſendo o Sol, como he, o geroglyfico de Deos, & ſendo Santo Antonio, como he, no poder de ſuas maravilhas hum Sol verdadeiro do mundo, que he o que ſe ſegue? Senaõ ſerlhe devido em o mundo por duas razões o culto, & eſtimação de hum Vice-Deos, huma pela intima companhia, & aſſiſtencia, que chegou a lograr do meſmo Deos; outra por ſer como verdadeiro Sol, que he hum geroglyfico, & figura do meſmo Deos.

Fonſeq de  
amore Dei  
1 p. c. 19,  
fol. 600.

Hector  
Pinto com-  
ment. in  
Daniel c.  
3. fol. 88.

O Sol, diſſe o Santo Rey David, que creara Deos, & lhe entregara o poder de todo o mundo: *Qui fecit Solem in po- teſtatem diei*: Pois o poder do mundo naõ he certo, que ſómente pertence a Deos, como attributo de ſua Divina Eſſencia? Aſſim he, que aſſim o diſſe o Apoſtolo: *Beatus & Solus potens*. Porém com iſſo eſtã, que o podia comunicar a

Pf. 135.  
n. 8.

Ad Ti-  
moth 2. c.  
6. v. 15.



algũa creatura. E de facto diz o Santo Rey David, que o fez Deos ao Sol: *Qui fecit Solem in potestatem diei*. E a razão q̃ Deos teve para o fazer, foi; porque não obstante que o animar, o inspirar, o dar vida, & o conservar as creaturas do mundo pertença sómente a Deos, como Author da natureza; vendo o mesmo Deos, que havia creado hũa creatura tão bella como o Sol: *Et vidit Deus quòd esset bona*, não se satisfaz, não, com lhe entregar o poder, & dominio, que outra qualquer creatura poderia administrar, fez lhe mercedim, & entregoulhe como a tal, o poder, & governo do mundo, para que assim constituido como Sol em este senhorio, & poder, obrasse per si mesmo em o mundo aquillo, que o mesmo Deos como omnipotente por sua propria mão devia obrar. E se ao Sol inanimado, & todo material, pela bondade, & excellencia de sua natureza, lhe entregou Deos sobre o mundo este poder; havendo fabricado com poderosa, & liberal mão em o quarto Ceo da Serafica Religião, em a sua Igreja, hum Santo Antonio, outro melhor Sol, que aquelle, que minto lhe entregasse nas suas mãos todo este poder: para que nos prodigios, & maravilhas, que havia de obrar em todas essas creaturas do mundo, mostrasse como verdadeiro Sol, que nas suas mãos tinha o poder divino, para obrar em o mundo, tudo aquillo, que o mesmo Deos devia obrar.

Para o fim de sua vida, parece que guardou Christo nosso bem as maravilhas mayores de seu poder, & os extremos mais prodigiosos de seu amor. Na ostentação delles porém, advertio curiosamente o Evangelista S. João, que as obrara o Senhor, tanto que soube, & conheceo, que nas suas mãos lhe tinha entregue o Pay todo o seu poder: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*. Pois antes desta hora, antes deste dia, & antes de todo o ser actual do mundo, não tinha já Christo, como Filho de Deos, este conhecimento? Não sabia já, que nas suas mãos, como consubstancial ao Pay, tinha todo o seu poder? Direi: Sim sabia, pois era Deos como o Pay na sciencia, & conhecimento ab eterno: Advertir po-  
rém



rêm o Evangelista, que naquella hora manifestàra o Senher, que o sabia, foi; porque como a mayor parte do mundo ignorava nelle a divindade, & o não conheciaõ por Deos:

*In mundo erat, & mundus eum non cognovit;* consequentemente lhe havia de negar o poder para obrar maravilhas. E cõforme a isto, parã que aquelles mesmos, que o não conheciaõ por Deos, tivessem por verdadeiras, & não supersticiosas todas aquellas maravilhas, que obrava, declaroulhes, & fezlhês a saber, que nas suas mãos tinha todo o poder do Eterno Pay; para que com este defengano, conhecendo elles, q̃ nas suas mãos tinha toda esta autoridade, & poder, não duvidassem, que em tudo o que fazia, & ordenava, obrava poderoso como Deos. E se o mesmo Christo, para, na estimacão dos homens, dar credito a suas maravilhas, & tirar de escrupulos aos que duvidavaõ se as podia obrar, lhes fez patente que as obrava, & podia obrar, porque nas suas mãos tinha o poder do Eterno Pay; que mais entregou o Padre Eterno nas mãos de Christo seu Filho, do que o mesmo Christo nas mãos de de Santo Antonio entregou? Nada; porque se nesta entrega do Pay entendem os Theologos a natureza divina com todos os seus attributos, communicada pela eterna geraçã ao Filho, isso mesmo collocou a mesma Pessoa do Filho humanado nas mãos purissimas de Santo Antonio, para que com esta evidencia taõ manifesta, advertissem, & foubessem os homens do mundo, que se o Santo em seus prodigios, & maravilhas obrava no mundo como Deos, queõ podia fazer, poi q̃ nas suas mãos tinha o mesmo Deos com todo o seu poder, como verdadeiro Sol: *In Sole posuit tabernaculũ suum: Omnia dedit ei Pater in manus;*

Collocado no quarto Ceo da Igreja o nosso Santo, poderoso, como verdadeiro Sol em suas maravilhas, importava desempenhar-se em a communicacão, que devia fazer ao mundo de sua luz; que effa foi a obrigaçã, & encargo, com que Christo nosso bem deu aos seus Discipulos o titulo, & prerogativa de Sol: *Vos estis lux mundi.* Por esta luz (como

Bijobivuo aloggi esta

Ioan. 8.

D Hilary.  
Silo. in E.  
v. 12. l. 5.  
q. 20. c. 5.  
fol 68. m.  
121.



estã visto) he em proprio sentido entendida a sabedoria, & doutrina Christãa; luz com que Santo Antonio fez patente ao mundo ser nelle hum verdadeiro Sol. A primeira obra da omnipotencia, que pela bondade, & excellencia de sua natureza aos olhos divinos agradou, foi a luz em o primeiro dia creada. E se buscarmos o motivo, que Deos teve para crear, & dar actual ser a tão bella, & lufida creatura, acharemos, que o motivo, que Deos teve para a crear, foi a penuria, & esterilidade em que a terra estava posta, as trevas, & escuridades, com que o mundo todo estava confundido: *Terra autem erat erat inanis, & vacua. & tenebrae erant super faciem abyssi, & dixit Deus: fiat lux.* Pois se o extremo de esterilidade, em que Deos vio a terra posta, seo ver o mundo em hũa tenebrosa confusão, o motivou a crear para remedio dessa terra, & fermosura desse mundo, hũa creatura tão bella como a luz. Este mesmo motivo parece que teve Deos na fabrica, & creação de Santo Antonio; pois no tempo em q o mundo estava mais confundido com heresias, a terra mais esterilizada com insolencias, os homens mais estragados em suas vidas, a malicia em as idades mais crescida, & Deos finalmente mais offendido; Então collocou o mesmo Deos em o Ceo da sua Igreja este Sol, tão ab andãte de sagradas letras, & Theologia Divina; para q resplãdecendo a luz de sua Sabedoria novamente em o mundo, chegado a tanta miseria, & confusão, o allumiasse, destruindo Seitas, afugentando heresias, confutãdo falsas opiniões, acclarando duvidas, desterrando erros, reprehendendo poderosos tyranos, reduzindo peccadores, reconciliando inimigos, & finalmente para que não ficasse sombra no mundo, que a luz deste Sol não desterrasse, o levantou Deos aos pulpitos de Roma: *Non sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus, qui in domo sunt;* aonde estando presentes ouvintes de diversas nações, de todos foi igualmente com intelligencia ouvido. Mas se era Sol, que estava communicando sua luz entre sombras, claro estã q havia ser de todos os circunstantes cõ intelligencia ouvido.



Naquelle Monte de gloria, naquelle Thabor de luzes, a q̃ Christo cõ os tres Discipulos sobia para se lhes manifestar, como manifestou trans figurado, diz o Sagrado Cronista, que apparecêra sobre o monte hũa nuvem, da qual rempêra hũa voz do Pay, em que ordenava aos circunstantes, que todos estivessem com attençaõ, ouvindo a seu amado Filho: *Hic est Filius meus dilectus, ipsum audite*. Pois se Christo em aquelle acto solemnissimo de gloria estava taõ resplandecente, & vistoso, como naõ ordena o Eterno Pay aos circunstantes, que todos se empregassem em o ver, senaõ, q̃ todos se applicassem ao ouvir? Direi: Porque neste mesmo acto da Transfiguraçaõ, & eco da voz do Pay, estavaõ os Discipulos ás escuras com a sombras da nuvẽ: *Et ecce nubes lucida obumbravit eos*. Estava Christo como Sol, fazendo ostentaçaõ de sua luz, & resplendor: *Resplenduit facies ejus sicut Sol*. E hum Sol como Christo, na occasiaõ em que estava cõmunicando entre sombras sua luz, pedia a raaõ, que no que falava fosse de todos os circunstantes, como discreto, & sabio, ouvido. *Ipsam audite*: Estava Santo Antonio como Sol em o pulpito de Roma, communicando a luz da divina palavra aos circunstantes; huns, porque de diversas nações, ás escuras na intelligencia da lingua; outros, porque depravados peccadores, nas sombras de suas culpas escurecidos. Mas como Antonio Santo era luz sobre o candieiro da Igreja levantada; claro està que havia de allumear a todos os que na casa estavaõ: *Vt luceat omnibus qui in domo sunt*: como era Sol, communicando a todo aquelle auditorio a luz de sua sabedoria, & doutrina; claro està, que naõ obstante a sombra das culpas, nem as escuridades na intelligencia do idioma, de todos havia de ser, como verdadeiro Sol ouvido: *Resplenduit facies ejus sicut Sol, ipsum audite*.

Matth. 17.

O que eu mais admiro, & venero em o nçsso Santo como Sol, naõ he o que a luz de sua sabedoria neste mundo obrou; he sim, a continuação successiva em resplandecer; o começar a lufir em o mundo como Sol, & naõ faltar nunca a esse mundo



mundo com sua luz. O mesmo Sol, que Deos para presidente do dia criou, naquella mesmo tempo em que estava obrigado a communicar sua luz ao mundo, faltou com ella, como foi na morte de seu Creador. E antes, & depois disso em outras muitas occasiões, em que, mediante o curso ordinario dos Planetas, se chegou a eclipsar; & em quanto eclipsado faltou com a sua luz ao mundo. Santo Antonio porém, de tal maneira foi Sol, que não foi poderosa a natureza para o chegar a eclipsar em sua luz. Muitos Santos teve a Igreja de Deos, que na luz de suas maravilhas com que resplandecerão em o mundo, mostrãrão com evidencia ser Sol. Todos estes Soes porém, padecendo o eclipse da morte, com que passãrão a resplandecer em outro melhor hemisferio, faltãrão em communicar a este nosso a sua luz: Santo Antonio porém, foi Sol, a quem a morte não foi poderosa para eclipsar, porque não obstante o passar mediante ella, a resplandecer em outro melhor hemisferio, como verdadeiro Sol: *Fulgebunt iusti sicut Sol*; não deixou nunca de resplandecer a sua luz neste mundo, ainda estando, como está em o Ceo.

Duas cousa determinou Deos ao Sol em a sua creação: A primeira foi o lugar, que para sua morada lhe cõsignou: A segunda, o orbe em que havia de resplandecer a sua luz. O lugar que para sua assistencia, & morada lhe cõsignou, foi o Ceo: *Et posuit eum in firmamento Caeli*: O orbe em que havia de resplandecer a sua luz, foi a terra: *Ut luceret super terrã*. Pois se o lugar, & a morada do Sol he o Ceo, não basta que esse Sol resplandeça, & communique sua luz aos mais Planetas, & Astros do Ceo aonde está, necessariamente ha de cõmunicar tãbem sua luz à terra? Si, q̃ para satisfazer às obrigações de Sol, não basta sómente que resplandeça, & communique sua luz em o Ceo aonde está; he necessario tãbem que desse Ceo aonde está, não falte a communicar a sua luz a toda a terra: *Fiant luminaria in firmamento Caeli, ut luceant in firmamento Caeli, & illuminent terram*. Estar no Ceo, & resplandecer sómente no Ceo, isso he assemelhar-se



se sómente ao Sol: *Fulgebunt iusti sicut Sol*. Estar no Ceo, & resplandecer tambem em a terra, isso he ser verdadeiramente Sol. E como esta seja a excellencia do Sol, não faltar com a sua luz em a terra, estando de morada, & assistencia no Ceo; quem foi verdadeiro Sol do mundo, senão Santo Antonio? pois passando-o a morte a resplandecer, como está resplandecendo em o Ceo, não faltou nunca a luz de suas maravilhas em a terra como verdadeiro Sol.

*Homo Sanctus in sapientia manet sicut Sol*, disse o Espirito Santo em o livro do Ecclesiastico: O homem santo ha-se de achar nelle sempre como Sol, a luz, & resplendor de sabedoria. Quem seja este homem santo, não o determina o Espirito Santo. Como este proverbio porém seja enigmatico, & divino (a meu ver) com Santo Antonio fala particularmente, porque São Antonio he o chamado na terra por antonomasia, o Santo: *Homo Sanctus*, que assim lhe chamaõ, não os naturaes, por não encorrer em a objecção de sospeitos, mas, os estranhos de outras nações lhe não sabem outro nome, senão: o Santo: *Homo Sanctus*. Duas cousas expresseu aqui o Espirito Santo deste homem Santo de que fala: A primeira, a santidade, *Homo Sanctus*. A segunda, a luz da sabedoria, que nelle se havia de achar sempre como em Sol: *In sapientia manet sicut Sol*. A santidade em primeiro lugar como causa; a luz da sabedoria em segundo, como effeito procedido daquella causa. Dándonos nisto a entender o Espirito Santo, que a santidade era a fonte verdadeira donde a luz da sabedoria dimanava. E que esta luz se não pôde achar, senão aonde houver santidade. E quanto mais qualificada a santidade, tanto mais o seria a luz da sabedoria. E como o nosso conhecimento neste mundo seja posterior, isto he, conhecer as causas pelos effeitos, quiz o Espirito Santo ensinarnos pelas luzes da sabedoria, como effeito, a conhecer a santidade do Sabio, como causa; para que, assim aquelle homem, que na luz de sua sabedoria resplandecesse sempre como Sol, esse fosse o venerado, & conhecido pelo Santo por

Ecclesi. 27.  
n. 12.



antonomasia: *Homo Sanctus*. E se o resplandecer sempre em a luz da sabedoria como Sol, publica, & acclama o homem Santo. Quem na Igreja de Deos resplandece nesta vida com mais luzes de maravilhas, como Santo Antonio? Quem sem saltar a communicacão desta luz com a morte, ainda do Ceo, como verdadeiro Sol, está resplandecendo com tantas maravilhas, & prodigios em o mundo? Este he o Santo por antonomasia; este he o que nunca faltou em o mundo com a luz de sua sabedoria como verdadeiro Sol: *Homo Sanctus in sapientia manet sicut Sol.*

Este titulo porém, & esta prerogativa tão singular de Santo por antonomasia, parece que tem hũa grande contradicção, aplicada, & entendida de Santo Antonio; por quanto esta prerogativa sómente pertence, & he attribuida ao mesmo Deos: *Quoniam tu solus Sanctus, tu solus Dominus*, diz a Igreja, só vds Senhor Santo, só vds Senhor, & o mesmo faziaão aquelles dous Serafins, que Isaías vio sobre o throno de Deos, acclamando com repetidas vozes: *Sanctus, Sanctus, Dominus Deus*. Pois se a santidade por antonomasia se attribue sómente a Deos: *Tu solus Sanctus*, como se ha de salvar o chamar-se a Santo Antonio por antonomasia o Santo? Vejamos primeiro a qual das Divinas Pessoas he attribuida, & consagrada esta prerogativa de Santo, então darei a razão á difficuldade. Primeiramente o Senhor, que Isaías vio em o throno, louvado dos Serafins com esta prerogativa de Santo, concordão os Expositores, em q era o Filho de Deos na representacão já humanado. E esta mesma Pessoa he a que a Igreja Catholica singularmente venera com este attributo de Santo: *Qui sedes ad dexteram Patris, quoniam tu solus Sanctus*. Pois se a Pessoa Divina, a quem particularmente se tributa esta prerogativa de Santo, he o Filho de Deos humanado, digo que não ha implicancia, senão muiita conveniencia a que tambem seja tributada a Santo Antonio como Sol: porque como a luz deste Sol (no que temos assentado) seja a sua sabedoria, & o objecto desta sabedoria



bedoria fosse, como foi o mesmo Filho de Deos humanado; as prerogativas do objecto, em boa Filosofia, todas se lhaõ de achar em sua sciencia. Com o que, sendo como he, attributo, que sómente pertence ao Filho de Deos, Santo por antonomasia: *Tu solus Sanctus*. E sendo o mesmo Filho de Deos o objecto da sabedoria de Santo Antonio, não há implicancia, antes muita conveniencia, em que Santo Antonio como verdadeiro Sol, seja chamado por antonomasia Santo: *Homo Sanctus in sapientia manet sicut Sol*.

E se o objecto he aquelle, que se offerece á potencia, para que essa potencia dirija a elle todas as suas operações. Que outra coisa foi, o chegar-se a collocar, visivelmente o mesmo Filho de Deos humanado em os braços de Santo Antonio, senão fazernos a saber, que elle mesmo era o objecto dequado da sabedoria do Santo? E como a sciencia em este mundo (ao menos adquirida) dependa dos sentidos corporeos, como órgãos por onde entraõ as especies na alma. E por outra parte, como essa mesma sciencia, nem divinamente possa fahir fóra do seu objecto adequado, collocouse o Filho de Deos humanado em os braços de Santo Antonio, para que os olhos, os ouvidos, o olfato, o tacto, o entendimẽto, & toda a alma do São, não tivesse outra occupação, mais que o contemplar naquelle divino objecto. E se a sciencia, no sentir de Aristoteles torce a sua unidade, a sua especificação, & a sua nobresa, toda do seu objecto, sendo o objecto da sabedoria de Santo Antonio o mesmo Deos, que luz podia ter a Igreja em o mundo mais excellente, mais crystallina, nem mais nobre? Nenhũa. Porque sobre, ser a mais nobre, & excellente em razão do seu objecto, pela mesma razão lhe podemos tambem chamar luz, ou sabedoria de Deos. Porque se a Theologia he a mais nobre de todas as sciencias, porque o seu objecto he Deos. E por esta mesma razão se chama tambem Sciencia de Deos: *Theos id est sermo, seu Sciencia de Deo*; sendo o objecto da sabedoria de Santo Antonio o mesmo Filho de Deos, Sciencia de Deos podemos



tambem chamar á sabedoria de São Antonio. E se esse mesmo Deos humanado, porque havia nascido como Sol, nos fez a saber, que era do mundo a luz: *Ego sum lux mundi*: Tendo a sabedoria de Santo Antonio por objecto ao mesmo Deos humanado, como luz do mundo, como podia deixar de resplandecer Antonio Santo como o Sol, com tanta admiração como resplandece com a luz de sua sabedoria em o mundo? *Vos estis lux mundi*.

D. Iacob.  
R. n. II.

Exod. 16.  
p. I.

Illustrado o mundo com a luz da sabedoria do nosso Santo, & admiradas as creaturas do poder, que em suas maravilhas ostentou, resta ultimamente ver, como também no amor, symbolizado no calor, mostrou ser hum verdadeiro Sol do mundo: *Exortus est Sol cum ardore*. Diz o Apostolo Santiago em a sua Canonica, falando do Sol em seu nascimento, em o qual não só communica ao mundo o resplendor de sua luz, mas tambem o alento, & actividade de seu calor: Com esta differença porém entre o calor, & a luz, que a luz he a primeira, que o Sol ao mundo communica; & o calor pela continuação, & crescimento do dia se experimenta: *Cumque incaluisse Sol, liquefiebat*, diz o Texto Sagrado do Manná, que pelo crescimento do dia, com o calor do Sol se liquidava, & derretia. Sol foi Santo Antonio em seu nascimento: & supposto, que logo naquelles primeiros progressos de seu maravilhoso exordio, o conduzisse o amor á Casa de Maria Santissima, aonde qual outro Sol em o Signo de Virgo, se enayou para sahir a discorrer, & illustrar o mundo, foi todavia necessario renascer em a Religião Illustrissima de Santo Augustinho, aonde animado, qual outro Elefante, á vista do sangue de cinco gloriosos Martyres, buscou como proprio lugar a Cruz, que desejava na Religião dos Serafins, aonde abrazado já aquelle santo coração em amor de Deos, & fervendo já como agoa ao fogo, em desejos de padecer martyrio por aquelle Deos, em cujo amor se abrazava: *Fervet ad martyrium, dum Rex terre fervit*. Passou a Marrocos, porém não quiz Deos concederlhe a morte, que buscava:



cava: Quiz fim, dilatarlhe o curso da vida na sua Igreja, para que o quera. Não quiz que padecesse na realidade a morte cruenta, que emprendia: Quiz fim, que aquelle amor do coração, em que se abrazava, o fizesse padecer sómente no desejo, por ser este o modo mais nobre, & excellente de morrer. Mas assim havia de ser, porque era Santo Antonio Serafim, & os Serafins, ainda que o amor de Deos, em que se abrazaõ, os incite a padecer, nunca chegaõ a mais, que a mostrar o affecto, & ancia, q̃ tem de padecer pelo seu Deos; nunca chegaõ a mais, que a padecer no desejo.

Aquelles dous Serafins, que o Profeta Isaias vio assistindo, & louvando áquelle Soberano Senhor no Throno Imperial, em que estava, diz o Santo Profeta, que eraõ seis azas a galla com que estavaõ vestidos: Duas em cima, duas no meyo, & duas embaixo; com as duas de cima cobriaõ o rostro, cõ as duas debaixo cobriaõ os pès, & com as duas do meyo voavaõ: *Duabus velabant faciem, duabus velabant pedes, & duabus volabant.* Supposto isto, entremos pelo lugar. Estas azas para dous ministerios sómente parece que deviaõ ser dadas a estes Serafins; ou para voarem, ou para se cobrirem; que para estes dous ministerios sómente deu a natureza azas ás aves, ou para se cobrirem, ou para voarem, porrẽm com condiçaõ, que em quanto se valessem dellas para voar, não se cobririaõ; & em quanto se valessem dellas para se cobrirem, não poderiaõ voar. Conforme isto: Se estas azas eraõ dadas a estes Serafins para se cobrirem, porque rafaõ cobrindose com as debaixo, & com as de cima, o não faziaõ tambem com as do meyo? Se lhes eraõ dadas para voar, porque rafaõ voando com as do meyo, o não faziaõ tambem com as debaixo, & de cima? Porque rafaõ se ha de ver encontrado o ministerio das azas nestes Serafins, cobrindose com hũas, & voando no mesmo tempo com outras? Dizei: Este Senhor, que estava no Throno, era o Filho de Deos humanado, já decretado a padecer. Estes Serafins, que lhe assistiaõ, como eraõ Espiritos abrazados em



Silv. in A-  
pocal. l. i.  
q. 24. fol.  
142. n.  
183.

amor, vendo ao seu Deos decretado a padecer, abrazavaõse em amor de padecer tambem por elle. E como este amor lhes abrazava o coração, em que estava: *Amor est vivax spiritus residens in pectore*, descobriaõ o peito para desabafar; descobrindo o peito, estendiaõ as azas do meyo; & com ellas estendidas, formavaõ em propria figura huma Cruz: *Duabus medijs, expansis, figuram Crucis denotabant*. Com o peito descoberto, & com a Cruz armada mostravaõ o desejo cordial, em que se abrazavaõ de padecer tambem em hũa Cruz como o seu Deos. Mas que importava, que como eraõ Serafims chegavaõ ao extremo, que podiaõ. E não podiaõ chegar a mais, que a padecer, & morrer pelo seu Deos, sómente no desejo. Padecendo, & morrendo no desejo sómente, mostravaõ no requinte do amor, que eraõ Serafims: *Seraphim stabant super illud*. Empreheinda Santo Antonio o martyrio, leve-o a Marrocos o cordeal desejo, em q se abrazava de padecer, & morrer pelo seu Deos, que como era Serafim, não quiz Deos, que chegasse a padecer a morte, que emprehendia; quiz sim, desviar-lhe o martyrio cruento, & por-lhe nas mãos hũa Cruz, para que com essa Cruz armada, & com o coração abrazado, & descoberto em o desejo de padecer martyrio pelo seu Deos, ficasse sendo como verdadeiro Serafim, hum martyr sómente no amor, & no desejo: *Fervet ad martyrium, dum Rex terra sedit, sed hoc desiderium, suum non implevit*. Queria Deos tambem na terra ornar a sua Igreja com Serafims, martyres sómente no desejo; & como já havia feito ao Pay martyr no desejo com as chagas, quiz tambem fazer ao filho martyr no amor, & desejo, com a Cruz.

Eccle. fia  
in respõs.

Tertul. de  
resurrect.  
corporis  
cap. 9.

O martyrio não o fez a pena, senão a causa; & por isso Tertuliano chamou martyrio perfeito ao dos tres mancebos do forno de Babylonia: *Ob martyrium sine passione perfectum*. Porque as penas, que se padecem por amor, a morte que por vehemente desejo se padece, esse he o martyrio perfeito, essa he a morte, que ainda parece, que faz ventagens a

ver-



verdadeira. Hum senão descobrio o Gentio sentencioso em o martyrio cruento. E he, o não se poder mais q̃ hũa só vez padecer; & assim como lhe descobrio, o senão, também lhe soube apontar o remedio: *Quod non potest fieri saepe, fiat diu, mors eligatur longa.* Visto que a morte se não pôde padecer mais que hũa vez, padeça-se por muito tempo. Escolha-se hũa morte dilatada. Escolhia Santo Antonio por hũa, a morte do martyrio, q̃ comprehendia; melhor escolha porêm fez Deos para o seu Sol, dandolhe hũa morte dilatada no padecer. E desviandolhe essa morte instantanea do martyrio, que desejava. Não quiz Deos, que aquelle Sol em tão breve tempo se eclipsasse; quiz sim, dilatarlhe o curso, para que assim como verdadeiro Sol morresse cada dia.

Em o primeiro dia do mundo, diz o Texto do Genesis, que criara Deos a luz: *Fiat lux*; & no quatto a Lua, & o Sol: *Fiant luminaria in firmamento Celi.* Esta luz, & este Sol tiverão alguns por duas creaturas distinctas, por serem em distinctos dias cada hũa dellas creadas. Porêm o certo he, que não foraõ duas diversas creaturas, senão que o Sol foi a mesma luz aperfeçoada, & reduzida a esferica figura em o quarto dia da creação. Isto supposto, levanta-se a duvida. Se no quarto dia fez Deos creação de nova lua, porque não obseuou o mesmo estylo com o Sol? Porque não deixou ficar aquella luz do primeiro dia, & creou no quarto com a nova Lua, também novo Sol? Direi; porque hũa creatura tão bella, & agradavel aos olhos divinos, como o era aquella luz, não quiz Deos, que em tão breve tempo acabasse: Quiz sim, que aperfeçoada na figura, continuasse em o seu curso, como verdadeiro Sol. Pois se a reservou para continuar o seu curso como Sol, para que creou juntamente com elle a Lua? Para que? Para que com a presidência quotidiana dessa Lua, morresse cada dia esse Sol: *A Solis ortu usque ad occasum; Oritur Sol, & occidit.* Crear Deos hũa creatura tão excellente como a luz, foi fazer ostentação de seu divino poder, & remediar com ella na necessidade em que estava o mundo.

Seneca

D. Bonav.  
sequens  
D. Dionisium.



Permittir, que tal creatura como esta, em quatro dias á cabasse? Isso não. Ordenar, que alternativamente com a Lua continuasse o seu curso como Sol; isso sim. Para que como verdadeiro Sol, cada dia morresse: *Oritur Sol, & occidit*. Era Santo Antonio Sol do mundo, & hũa obra tão excellente da mão de Deos, como este Sol, hũa luz tão necessaria para o mundo, não quer Deos, não, que com a morte do martyrio, que emprehende, acabe em tão breve tẽpo a vida. Quer sim, que para dar calor, & alento ao mundo, continue no firmamento de sua Igreja em o seu curso, para que como verdadeiro Sol viva padecendo, & morrendo cada dia: *Oritur Sol, & occidit*.

II. Corinth.  
XIII. 16.

Este mesmo fim desempenhou o amor de Christo na fabrica do divino Sacramẽto da Eucaristia. Pois vendo aquelle Amante Divino, que a morte do martyrio da Cruz, não havia de ser mais que hũa vez: *Mors illi ultra non dominabitur*, instituhio o divino mysterio, para que em desempenho de seu amor, ficasse, como nelle ficou, padecendo, & morrendo cada dia: *Quotiescumque manducabitis panem hunc; mortem Domini annuntiabitis donec veniat*.

E se Santo Antonio no amor de Serafim, simbolizado no calor, na sabedoria de Deos, figurada na luz, & no poder das maravilhas, representado na substancia, mostrou ser hum Sol verdadeiro do mundo. Nestes mesmos tres attributos, Poder, Sabedoria, & Amor, fica sendo hum geroglyphico do mysterio santissimo da Trindade, ao Pay, attribuido o Poder: ao Filho, a Sabedoria; & ao Espirito Santo, o Amor: Arca do Testamento chamou ao nosso Santo o Papa Gregorio IX. & acho eu, que he confirmação de tudo o que hoje tenho prẽgado do Santo; porque a Arca do Testamento, tres cousas sómente encerrava em si: a Vara de Araõ: as Taboas da Ley: & o Mannà. Na Vara, estava representado o Poder: *Virgam quoque summe in manu*: nas Taboas da Ley, a Sabedoria: *Lex sapientis fons vitæ*: & no Mannà, como figura do Sacramento, o Amor. Sendo logo Santo Antonio



Antonio Arca do Testamento por authoridade de hũa suprema cabeça da Igreja, cõ poder, cõ sabedoria, & cõ amor, q̃ outra cousa fica hoje sendo, senão hum symbolo do mystério da Santissima Trindade; & com substancia, luz, & calor; hum verdadeiro Sol de todo o mundo? *Vos estis lux mundi.*

Ultimamente me falta que reparar em o curso presente do nosso Santo, bem que extraordinario em razão do Sol: Em dous cursos satisfaz o Sol material á obrigação, q̃ Deos lhe encarregou de resplandecer em a terra: Hum se chama curso lento, & outro rapto. O lento aperfeiçoa em doze meses, & o rapto em doze horas: *Nonne duodecim sunt horæ diei.* Antonio Santo porèm, como melhor, & mais excellentes Sol, além do curso rapto de cada dia, & do lento de cada anno: em cada anno faz de mais a mais outro particular curso em estes precedentes doze dias.

*Ionn. 1. 9.*

Eximido do cattiveiro do Egypto, & restituído á sua liberdade o povo Hebreo; diz a Sagrada Historia em o livro dos Numeros sette, que por mandado de Deos em doze dias continuos concorria todo aquelle povo a certo lugar com assistencia de offertas, & orações; & a solemnidade a que se dedicavaõ, era á oração, & santificação de hum tabernaculo, que Moyes em figura de Christo, por mandado de Deos tinha levantado, & ungido: *Factum est autem in die, quando complevit Moyses tabernaculum, & erexit illud; unxit, & sanctificavit.* E como naquella antiga Ley, & Testamento Velho, todos os mysterios eraõ figura do que havia de succeder na Ley da Graça, & Novo Testamento de Christo: *Omnia in figura contingebant;* parece que aquelles doze dias de assistencia em o Templo dedicados áquelle santo Tabernaculo, foraõ verdadeira figura dos presentes doze dias de assistencia do devoto povo neste Templo dedicados ao verdadeiro Tabernaculo de Deos Santo Antonio, como verdadeiro Sol: *In Sole posuit Tabernaculum suum: Et Thronus ejus sicut Sol.* Isto supposto, não quero reparar mais que em



Super c. 7.

as mesmas duas cousas, em que a Glossa sobre o mesmo lugar reparou: *Hic describitur primò* (diz a Glossa) *devotio Principum: Secundò. Pontificis officium*. Estas são as duas cousas, em que a Glossa reparou: A devoção de todo aquelle povo na assistencia dos doze dias. E o officio, & assistencia nelles do Pontifice, & vinha a ser o caso, que todo aquelle povo concorria á assistencia da celebridade daquelles doze dias; porém todos elles se celebravaõ com a assistencia do Pontifice, & Summo Sacerdote Araõ. E isto por duas particulares razões. A primeira, para que authorizados aquelles doze dias com a assistencia do Pontifice, ficasse sendo aquella celebridade solemníssima. A segunda, porque como era ritu, & cerimonia naquelle povo, que as suas deprecações, & orações, fossem pelo Summo Sacerdote apresentadas, & offerecidas a Deos; por isso mesmo convinha muito, que aquelles doze dias se celebrassem cõ a assistencia do Summo Sacerdote, para que pelas suas mãos fossem as orações de todo aquelle povo, em aquelles doze dias offerecidas, ou ao Santo Tabernaculo, que celebravaõ, ou ao mesmo Deos, que o mandava celebrar. São estes (Catholico auditorio) em propria figura os nossos doze precedentes dias; em os quaes concorrendo a este Templo a devoção, & assistencia de todo este povo, a celebrar aquelle verdadeiro Tabernaculo de Deos, Santo Antonio, foraõ todos elles authorizados com a assistencia do nosso digníssimo Pontifice, do nosso Summo Sacerdote; para que assim authorizada com a sua digníssima assistencia a celebridade, fossem tambem pelas suas mãos apresentadas as orações de todo este povo assistente, ou áquelle verdadeiro Tabernaculo de Deos, Santo Antonio, ou ao mesmo Deos, q̃ cõ elle está, como em proprio, & verdadeiro Tabernaculo.

No duodecimo, ou ultimo dia destes doze, reparou tambem a mesma Glossa em outras duas cousas a respeito desta assistencia do Pontifice, & Summo Sacerdote Araõ. A primeira, em a preparação, que o Pontifice fez de luzernas, ou de



de luzes. A segunda, em os Levitas, que nesse mesmo dia do decimo ordenou: *Hic consequenter agitur* (diz a Glosa) *de Pontificis officio, & primo quantum ad lucernarum compositionem. Secundò: Quod Levitarum ordinationem.* E para que seria esta preparaçã de luzes, ou de tochas, que o Pontifice fez neste duodecimo dia? Para que? Para a mesa da proposiçã, que a outro dia se havia de celebrar: *Tertio: Quoad Phasē celebrationem; hic agitur de mensa propositionis.* Aqui estã as Ordens dos Levitas, que o nosso dignissimo Pontifice, hontem, que foi o dia duodecimo celebrou. *Qui est a preparaçã de luzes, que no mesmo dia fez, em a cera, que gratuita, & devotamente offertou para as luzes com que hõje se havia de celebrar aquella divina mesa de proposiçã em o seu Tabernaculo S. Antonio; que por Tabernaculo verdadeiro de Deos: In Sole posuit tabernaculum suum,* fica sendo hum Sol verdadeiro do mundo: *Vos estis lux mundi.*

Succinto discurso, limitado tempo, & incompetente Orador, para concordar as occurrencias de hum taõ grande dia, & para applaudir as excellencias de hum taõ grande Santo, como Santo Antonio, a quem o mundo todo deve o culto a que obriga sua devoçã, & veneraçã, que corresponde a sua grandesa; porque se ao escabello, em que a Magestade Divina põem seus pès, devemos adorações, porque taõ santo. *Adorate scabellum ejus, quoniam sanctum est.* Se a Arca do Testamento, porque santissima, se lhe devia tal culto, & veneraçã, que hum Oza, que em certo dia lhe chegou irreverentemête a encostar a mãõ, ficou logo alli morto, em castigo de sua ousadia, & temeridade. Se ao Throno em que o mimoso Joã vio collocada a Magestade de Deos, lhe tributavaõ os vinte & quatro Anciões devidas genuflexões, & rendimentos de proprias coroas, porque Throno de Deos? Se ao Sol, por ser hum geroglyfico de seu proprio Creador, se lhe devia a mesma veneraçã, que ao figurado. Vòs, Antonio Santo, glorioso lustre da Fè, realçe da Christandade,



maravilha de Deos, credito, & gloria da nação Portugueza;  
 Serafim da Igreja Militante. Vós Santo por antonomasia,  
 que sois o escabello, em que o mesmo Deos chegou a pôr seus  
 pés? Vós, que por authoridade de huma Suprema Cabeça  
 da Igreja, sois a Atca do Testamêto, em que o Divino Moy-  
 ses depositou Poder, Sabedoria, & Amor? Vós que sois o  
 Throno, em que a Magestade Suprema de Deos, chegou a  
 pôr o Tabernaculo de seu Corpo? Vós, que por Throno de  
 Deos, & applicação da Igreja, sois o Sol verdadeiro do mun-  
 do. Vós finalmente, q̃ nos mesmos tres attributos, cõ q̃ nos  
 rendes mostrado ser hum Sol, ficais hoje sendo hum symbo-  
 lo do mysterio Santissimo da Trindade? Que reverencia?  
 Que culto? E que veneração vós ha de ser devida? Aquella  
 mesma, que a Christandade toda vos tributa, & confagra,  
 como a Santo Antonio. Pois sendo, como sois, hum Vice-  
 Deos nas maravilhas, & prodigios, que cõ o poder de Deos  
 nas mãos, estais continuamente obrando em o mundo? Hũ  
 Sol em remediar universalmente a pequenos, & grandes; a  
 bons, a maos, & a todo o mundo; obrigaes vontades, rendeis  
 animos, & dominais corações; para que todo o mundo em  
 geral vos venere, vos conheça, vos busque, & vos ame como  
 a Santo Antonio, ou como a Santo por antonomasia, asse-  
 gurando na fé, que tem em vossa devoção, & remedio nas  
 necessidades, a permanencia nas bonanças, a melhora nas  
 vidas, o augmento na graça, que he o penhor da gloria.

*Ad quam nos perducit, &c.*

**LAUS DEO.**



**LI**



# LICENÇAS,

*Eminentissimo Senhor.*

**V**I este Sermaõ do glorioso Santo Antonio, de que a petição faz menção, & a meu ver, he muito merecedor da licença que pede, pois sobre não conter cousa alguma oposta á Fé, ou bons costumes, he hum Panegyrico solido, & fuzadamente discursado, sublime sem excessos, grave sem affectação, claro, & facil sem desalinho. Este he o meu parecer, salvo, &c. neste Collegio dos Dominicos Irlandezes da Corte Real em 13. de Novembro de 1687.

*Frey Pedro da Encarnação Revedor.*

*Eminentissimo Senhor.*

**R**Evi o Sermaõ do glorioso Santo Antonio, que prêgou o P. Frey Augustinho da Conceição, não tem cousa dissonante a nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes se faz muito digno da licença que pede, pelo ajustado do assumpto, clareza do estylo, & subtileza do engenho, isto he o que me parece. V. Eminencia ordenará o que for mais servido. Santo Eloy em 27. de Novembro de 1687.

*O Doutor Luis da Annuniação Louzado.*

**V**istas as informações, pode-se imprimir o Sermaõ de Santo Antonio, de que esta petição faz menção, & depois de impresso tornará, para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 2. de Dezembro de 1687.

*Ieronymo Soares. Ioaõ da Costa Pimenta. Bento de Beja de Noronha. Pedro de Attaide de Castro Fr. Vicente de Santo Thomas.*

**P**Ode-se imprimir o Sermaõ de Santo Antonio, de que a petição faz menção, & depois de impresso tornará para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 7. de Janeiro de 1688.

*Serraõ.*

**P**Ode-se imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará a esta Mesa, para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 13. de Janeiro de 1688.

*Lamprea. Marchaõ. Azevedo. Ribeyro.*





